

# Rua declinada no masculino: sexualidades, mercado imobiliário e masculinidades no Centro de São Paulo (Brasil)

Street declined for male: sexualities, real estate market and masculinities in downtown São Paulo (Brazil)

Bruno Puccinelli<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo aborda teoricamente dados empíricos sobre a produção de centros e periferias no centro de São Paulo tendo como vetores diferenças de gênero e suposições baseadas em sexualidade. Tal abordagem temática discute a existência de uma “rua gay” em São Paulo: a Frei Caneca. Em contraste, a região República aparece como portadora de um tipo de homossexualidade menos legítima e interessante, portadora de masculinidade feminizada. Em tais regiões da cidade se reúnem a maioria das opções de lazer noturna, compras e encontro entre homossexuais. Uma quantidade considerável de ruas e conjuntos de ruas nestas regiões são chamadas genericamente de “gay”, apesar da presença de público assim definido ser complexa e variável. Suas identidades variam entre lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e aquelas que não têm uma identificação bem marcado, mas tais expressões são marcadas de forma desvalorizada a depender do espaço que se ocupa. O argumento do artigo analisa esse ponto.

**Palavras-chave:** gênero - sexualidade - espaço - estudos urbanos.

## Abstract

This article addresses theoretically empiric data about the production of centers and peripheries in downtown São Paulo, taking as vectors gender and sexuality-based assumptions of differences. Such thematic and epistemological approach comes from produced data which discusses the existence of a “gay street” in São Paulo: the Frei Caneca Street. Contrastingly, República region appears as carrier of a type of homosexuality less legitimate and interesting masculine-feminized homosexuality. This article is based in two São Paulo city districts, located in the central region of São Paulo, República and Consolação. Such districts congregate most options for night leisure, shopping and meeting among homosexual behaving people. A considerable amount of streets and sets of streets on this region are generically called “gay”, although presence of identity-defined audiences is complex and variable. Their identities vary among lesbians, bisexuals, transvestites, transsexuals and *queer* people, and those who don't have a well-marked identification.

**Key words:** gender - sexuality - space - urban studies.

Fecha de recepción: Agosto 2015

Fecha de aprobación: Diciembre 2015

<sup>1</sup> Sociólogo, pesquisador no PAGU - Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde desenvolve doutoramento no Programa de Doutorado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). E-mail: monobruno@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Na língua portuguesa, a palavra “rua” é feminina. Não há gênero neutro em português, ou algo é masculino, ou é feminino, a possibilidade mais próxima de uma atribuição de gênero equânime na língua são as adjetivações chamadas comum de dois, como no caso da palavra poeta, utilizável tanto para homens quanto para mulheres. Mas no linguajar corrente, coloquial, as coisas sempre são “ela” ou “ele”. Assim como tantos outros objetos cotidianos como cadeira, mesa, colher, rua também é uma coisa generificada. Esse tipo de qualificação de um objeto, atribuindo-lhe diferença de gênero no termo que lhe faz alusão, é comum na língua portuguesa e em outras línguas de origem latina aparentadas, como o espanhol, o francês e o italiano. Cidade, por exemplo, é substantivo feminino nessas três línguas: a cidade, la ciudad, la ville, la città, respectivamente. Em todos esses casos, cidade é substantivo feminino, *a cidade é mulher*<sup>2</sup>.

Do panorama citadino, voltemos à rua. Etimologicamente rua é “substantivo feminino”, derivado do latim “ruga”, dobra da pele em forma de sulco. Tal forma que dá nome à *coisa-rua* remete a um meio cone, aberto para escoamento de água. Rua, neste caso, vem dessa forma em “L”, forma sulcosa; mas os sinônimos de rua, vala e sarjeta, também substantivos femininos, remetem a espaços de sujeira ou degradação: vala pode ser o lugar em que se enterram mortos, enquanto sarjeta é o espaço da rua onde se encontram bêbados e moribundos. Na sarjeta estão aqueles que decaíram, na vala os que faleceram.

De suas propriedades de escoamento de água para espaço de trânsito nas cidades, poderíamos dizer que a *rua-mulher*, é passagem e estase a homens, é lugar de mudança através do masculino. A historiografia brasileira<sup>3</sup> mostra como a separação entre casa e rua, por exemplo, aparta público e privado, masculino e feminino, político e apolítico como dimensões diferentes da vida social. A rua, substantivo feminino, seria transformada pela ação dos coletivos masculinos de homens que trabalham e interferem nas decisões mais importantes, no presente e no futuro. *A rua, portanto, declina no masculino*<sup>4</sup>.

Tomo esse ponto para pensar como os espaços de uma grande cidade são generificados e só podem ser entendidos em sua complexidade se considerada essa dimensão como essencial para a produção de sentido, diferença e discriminação. São formas pelas quais espaços e sujeitos são caracterizados como mais femininos ou mais masculinos. Este artigo trabalha teoricamente dados empíricos de pesquisa de doutorado em andamento acerca da produção de centros e periferias numa região central da cidade de São Paulo, tendo como vetor a assunção de diferenças baseada em gênero e sexualidade. Tal aproximação temática e epistemológica se dá a partir de dados produzidos que problematizam a ideia da existência de uma “rua gay” em São Paulo. A Rua Frei Caneca, a tal “rua gay” da cidade, existe como forma legítima enquanto

<sup>2</sup> Andréa Barbosa (2012) argumenta como a cidade de São Paulo pode ser interpretada como sendo feminina em contraponto ao estereótipo que aloca megalópoles globais como símbolo de poder, dureza e aridez, atributos tidos como masculinos. O argumento da autora se baseia em uma ampla análise fílmica da cidade, mas ajuda a refletir sobre a congruência de gênero e espaço citadino.

<sup>3</sup> Ver, em especial, os escritos de Gilda de Mello e Souza (1987) *O Espírito das Roupas: A Moda no Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, acerca da moda no século XIX e as implicações na circulação pública de homens e mulheres e Roberto DaMatta (1997) sobre as diferenças no Brasil entre o político e o privado, instâncias alocadas respectivamente na rua e na casa, entre homens e entre mulheres. Tal perspectiva se coaduna com a teoria crítica adotada nesta análise.

<sup>4</sup> Agradeço o *insight* a Bruna Mantese de Souza (2015), antropóloga que em sua pesquisa sobre um espaço feminista de acolhida de mulheres que sofreram agressão afirma que a violência declina no feminino.

possibilidade de trânsitos de homossexualidade masculina que obedece a determinadas normas de gênero. Em contrapartida direta, a região da República<sup>5</sup>, aparece como portadora de uma homossexualidade masculina *afeminada* e, também por esse motivo, menos legítima, mais pobre, mais negra, mais suja e mais doente, portanto, menos interessante.

A pesquisa na qual se baseia esse artigo se centra em dois distritos<sup>6</sup> da cidade de São Paulo localizados na região central, República e Consolação. Tais distritos congregam a maior parte das opções de lazer noturno, compras e opções de encontro entre pessoas com condutas homossexuais<sup>7</sup> na cidade. Parte considerável das ruas e conjuntos de ruas são genericamente chamados de gays, ainda que a presença de públicos identitariamente definidos seja complexa e variável. Neste sentido, a atribuição identitária provinda dos movimentos LGBTs não condiz *ipsis litteris* com o observado em campo, mesmo quando termos semelhantes são utilizados como definidores de homossexualidade masculina, por exemplo. “Gay”, termo comum, tem nuances que incluem diferenças produzidas em termos de espaço e gênero. Neste artigo pretendo mostrar como definições de identidades sexuais são produzidas contextualmente e dentro de determinadas situações. Seguindo as indicações de Avtar Brah (2006) acerca da produção contingente de diferenças, algo também apontado por Stuart Hall (1996) no que refere à questão da identidade na pós-modernidade, ou Michel Agier (2011) no que concerne a pensar sobre a pesquisa em espaço urbano. A cidade não está dada. Sigo aqui também as indicações de Gillian Rose (1993) e Doreen Massey (2008) no debate da geografia feminista, a qual contesta não apenas o estatuto genericado do espaço construído na disciplina, bem como isso reproduz os meios de produção do conhecimento por homens na academia. Nessa questão, e de forma mais incisiva, Judith Butler (2003) dá indícios de como tal forma performa a naturalização de um espaço genericado. Partindo desses pontos de vista diversos academicamente, mas congruentes no debate crítico acerca da produção do espaço, tento demonstrar como este nunca está pronto, é sempre performado, genericado e definido contingencialmente.

Mas que espaço é genericado? E que impactos tal processo introduz no espaço, na cidade e nas pessoas?

## **GENTRIFICAÇÃO E GENERIFICAÇÃO: ONDE RUAS, GÊNERO E CIDADES SE ENCONTRAM.**

Jon Binnie & Beverley Skeggs (2004), sociólogos ingleses, mostram como uma região da cidade de Manchester, localizada no centro e conhecida historicamente por ser espaço de moradia e presença da classe trabalhadora, aos poucos passou a ter novas características. Na década de 2000, com terrenos mais baratos, alguns bares e restaurantes direcionados a públicos homossexuais masculinos alocados genericamente na categoria “gay” se instalaram

<sup>5</sup> O que estou chamando de região da República é um conjunto de ruas e praças ao lado da Praça da República, localizada a cerca de dois quilômetros da Rua Frei Caneca e mais próxima do marco zero da cidade. Dados adicionais serão inseridos adiante.

<sup>6</sup> Distrito é a divisão oficial da cidade em núcleos administrativos de bairros e têm grande variação de escala, podendo ser bem restritos, como o distrito da República, bastante populoso, ou maiores e com menor número de moradores, como é o caso do Grajaú, na região sul da cidade. De forma geral distritos e bairros têm pouca diferença na percepção das pessoas.

<sup>7</sup> Sigo a sugestão aproximativa de John Gagnon (2006) *Uma interpretação do desejo*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, em relação à homossexualidade sem tomá-la como identidade, prévia ou pós-analítica, mas como parte de uma conduta sócio-comportamental compartilhada entre sujeitos definidos de diferentes maneiras. Sobre isso, vero debate sobre possibilidades identitárias em relação à homossexualidade masculina no Brasil ensejada por Peter Fry (1982) em um ensaio clássico (“Da hierarquia à igualdade: a Construção da Homossexualidade no Brasil” in *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar)

num conjunto de ruas, alterando o perfil da região. Os autores mostram como esse processo transforma aquele espaço da cidade, tão reconhecido como algo próprio a Manchester, tornar-se referência internacional e europeia de oferta de serviços diferenciados e arrojados. Essa região passa, então, a ser comparada à oferta de serviços direcionados ao público “gay” em cidades como Amsterdam e Barcelona, tornando-a *menos inglesa* e *mais cosmopolita*. Aos poucos, no entanto, a presença “gay” acaba por tornar esse conjunto de logradouros centrais de Manchester em um espaço seguro para um público inesperado: mulheres que se definiam heterossexuais. Segundo a análise empreendida pelos autores, as mulheres passam a ocupar a região por poderem caminhar sem serem importunadas por outros homens e, assim, se sentirem seguras. Podemos dizer que a região central de Manchester, nesse processo tornou-se mais feminina dentro de uma lógica de cosmopolitismo que permite uma expressão de masculinidade homossexual enquanto desautoriza masculinidades heterossexuais invasivas e agressivas. Isso também elevou os valores dos terrenos, tornando esses espaços de encontro, lazer e consumo interditos à classe trabalhadora, comum na região antes deste processo de gentrificação e generificação. Adoto aqui uma perspectiva mais aberta da noção de gentrificação, uma possibilidade de tradução do termo *gentrification*, mas que também poderia ser traduzido como enobrecimento. Para além de pensar esse processo como comandado por atores que detêm maior poder político ou econômico na dinâmica da cidade, interessa entender como gênero impacta na possibilidade, ou não, de melhoria e investimento urbano.

Há semelhanças e diferenças em algumas regiões centrais da cidade de São Paulo em relação ao caso de Manchester. No que tange à apropriação e reconhecimento de algumas ruas como “gays”, investimentos em novas opções de lazer noturno e incremento imobiliário nos últimos dez anos, por exemplo, podemos observar algo semelhante, mas muito mais intenso na capital sul-americana. Isso inclusive impacta o entendimento que as pessoas têm de onde se localiza o centro da cidade e como este é caracterizado e valorizado. Há dois exemplos de formas de apresentação dessas regiões de São Paulo em diferentes mídias que ajudam a entender o processo pelo qual as formas de generificar a cidade ajudam a gentrificá-la: folhetos de propaganda de novos empreendimentos imobiliários e guias com mapas que direcionam o turista gay estrangeiro aos espaços de interesse na cidade<sup>8</sup>. Se por um lado ambos os meios constroem uma ideia de centro que se desloca, em relação ao seria o centro oficial da cidade, tornando-o, portanto, mais desejável, por outro produzem uma rede de sexualidade desejável traçada nos mapas desse centro. De forma geral, lugares como bares, restaurantes e casas noturnas na região que compreende as ruas Frei Caneca e Augusta ganham centralidade nas opções ofertadas a esses turistas, enquanto espaços como a Praça da República e o Largo do Arouche, historicamente conhecidos pela presença de lugares de frequência de “gays”, ficam invisibilizados. A fim de tornar a explanação mais clara irei resumidamente destacar alguns pontos que informam, e formam, as regiões, ruas, bairros e cidades surgidos da assunção de sexualidades como marco de definição. Esses espaços estão localizados dentro dos distritos da República e Consolação, contíguos na cidade de São Paulo.

Esses dois distritos estão entre os mais povoados da cidade de São Paulo e possuem uma ocupação e urbanização iniciadas na segunda metade do século XIX, algo antigo para o padrão de desenvolvimento da cidade. São distritos que compreendem bairros repletos de comércio, bares, restaurantes, edifícios residenciais, hotéis, edifícios de escritórios, opções

---

<sup>8</sup> Para os objetivos deste artigo não irei me ater à questão das representações imagéticas dessas regiões, também foco de minha pesquisa. Aqui irei trabalhar com a produção do espaço generificado, e recortado por outros marcadores sociais da diferença, a partir de discursos de diferentes interlocutores.

culturais e oferta de equipamentos urbanos como hospitais, terminais de ônibus, linhas de metrô, etc. Nesses distritos, por exemplo, estão o Teatro Municipal da cidade e parte da Avenida Paulista, dois dos principais símbolos arquitetônicos de São Paulo, amplamente utilizados como meio de valorizar outros estabelecimentos que buscam se aproximar destas edificações. Apesar de uma maior presença de moradores de classe média e média alta no distrito da Consolação do que no distrito da República, local de moradia de pessoas com menor renda, há ruas que destoam desse perfil mais genérico das duas regiões. Além disso, o processo citado anteriormente tem alterado sensivelmente esse perfil, impactando em rápidas mudanças no perfil sócio-econômico de ambos os distritos. Antes de seguir tratando das ações e contextos contemporâneos, no entanto, é necessário regressar algumas décadas a fim de situar a questão da homossexualidade na cidade e nas duas regiões e como as diferenças produzidas na relação entre ambas impactam o entendimento de suas identidades.

Mais antigo, o distrito da República também compreende a ocupação “gay” pública de mais tempo na cidade. Ao menos desde a década de 1950 há dados que atestam a região como espaço de encontro e lazer por públicos homossexuais em uma das primeiras pesquisas sociológicas sobre o tema no Brasil<sup>9</sup>. Posterior a esse período há o trabalho de impacto de Nestor Perlongher (2008) acerca da prostituição masculina na região, permitindo um panorama mais amplo da região em termos de classe, raça e gênero em interface com a ocupação urbana na década de 1980. Neste trabalho já há informações sobre tráfico e usuários de drogas, por exemplo, uma das características pelas quais a região central de São Paulo tem sido estigmatizada como perigosa, suja e pobre até os dias de hoje. Tal perfil está em franca mudança. Para os fins desse artigo irei considerar em especial a tríade formada pela Praça da República, Avenida Vieira de Carvalho e Largo do Arouche, região que chamarei genericamente de “República”.

O distrito da Consolação surgiu um pouco depois da República, quando a urbanização da cidade passou a seguir em direção à via que hoje é a Avenida Paulista, muito em função da burguesia cafeeira que passava a se instalar nessa avenida. A presença de públicos homossexuais à região é também mais recente, bem como os registros de pesquisas sobre o tema que fornecem dados sobre a Consolação. Cito em especial os trabalhos de Isadora Lins França (2006), Alexandre Vega (2008) e Ane Talita da Silva Rocha (2013), antropólogos que, de formas diversas, mapeiam a mudança dos espaços de sociabilidade e lazer direcionados a “gays” da região sul da Avenida Paulista para a região central dessa avenida, ocupando principalmente as ruas Augusta e Frei Caneca. Em minha pesquisa de mestrado (Puccinelli, 2013) procuro analisar as transformações pelas quais a região passou com foco na Rua Frei Caneca, a qual se atribui uma identidade “gay”. Um marco dessa atribuição foi a inauguração do Shopping & Convention Center Frei Caneca em 2001, processado dois anos depois pela ação de um segurança em expulsar um casal de rapazes por estarem trocando carinhos. O local já era

<sup>9</sup> “Homossexualismo em São Paulo”, tese de José Fábio Barbosa da Silva defendida na Universidade de São Paulo (USP) e perdida durante a ditadura civil-militar brasileira (1964 – 1985). O trabalho dos historiadores James Green e Ronaldo Trindade em recuperar a pesquisa de Silva permitiu sua publicação na íntegra em 2005. Antes disso apenas algumas poucas cópias de um artigo publicado em 1959 na revista *Sociologia*, volume XXI, número 4 (alocada na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo) circulava em meios restritos. Sobre os impactos específicos da ditadura civil-militar ver o artigo de Edward MacRae (1983) “Os respeitáveis militantes e as bichas loucas”, in Eulálio, Alexandre: *Caminhos Cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense., o livro deste com Peter Fry (1982) e a coletânea de artigos de Renan Quinalha e James Green (2014).

conhecido por apelidos<sup>10</sup> que remetiam à homossexualidade de seus frequentadores e a expulsão, em conjunto com o processo e com um protesto no local, ajudaram a disseminar tal identificação, inclusive internacionalmente.

Ao mesmo tempo, o mercado imobiliário em expansão no país e também em São Paulo passou a mirar na região como espaço para a construção de novos edifícios residenciais, por exemplo. Ocorre que, como a urbanização do distrito da Consolação é relativamente antiga, não havia terrenos livres e tão baratos para o levantamento desses empreendimentos. Além disso, a presença cada vez menor de prostitutas na Rua Augusta ajudou a valorizar os empreendimentos e multiplicar as opções de compra. Dados junto a corretores de imóveis na região dão conta de que a disseminação da ideia de uma presença gay na região ajudou a sedimentar a vinda de novos compradores e moradores desses empreendimentos. Também uma valorização da ideia de morar no centro da cidade, um espaço cosmopolita e de cabeça aberta, busca atrair compradores, localizando como centro essa região. Isso ocorreu inicialmente na Rua Frei Caneca, a “rua gay” da cidade, seguida com mais intensidade na Rua Augusta e chegando à Rua Paim<sup>11</sup>. Esse contexto se assemelha com as mudanças analisadas por Binnie & Skeggs (2004), salvo o fato de que a região não se tornou mais segura para alguns segmentos dentre seus frequentadores<sup>12</sup>. Como já citado, essa região compreende as ruas, Frei Caneca, Augusta e Paim, além da Avenida Paulista. A fim de simplificar a explanação irei chamá-la de “Augusta”.

Desde 2013 o mercado imobiliário residencial começou a migrar para a região da República, onde atualmente está com cinco empreendimentos espalhados em diferentes ruas. Apesar dos guias turísticos direcionados a gays estrangeiros quase não citarem a região República, agora ela começa a fazer parte de um ideário de região central interessante para morar, inclusive pela presença “gay”. Mas a citação à homossexualidade masculina como aditivo positivo nesses diferentes contextos mercadológicos não se dá da mesma forma e nem o mercado busca atingir todo e qualquer “gay”. O termo em si, usado genericamente, esconde as especificidades da circulação de sujeitos assim classificados, principalmente no que concerne a uma definição de espaço generificado positiva e negativamente. Isso, em parte, corresponde a uma valorização simbólica de ruas e espaços da cidade, tomando uma presença identitária como a totalidade das características da rua que possam ser de interesse de futuros compradores, como no caso da presença “gay”. Semelhante ao que Binnie & Skeggs (2004) descrevem, o uso mesmo do termo “gay” ajuda a criar especulação imobiliária residencial e comercial pelo que consegue congregar de masculinidade e alto

---

<sup>10</sup> Dentre alguns nomes podemos citar Shopping Frei “Boneca” ou Shopping “Gay” Caneca. Apesar dessa ampla divulgação popular do centro comercial o shopping insiste em se afirmar oficialmente como destinado “às famílias”, atribuindo a estas um sentido contrário a quaisquer noções de homossexualidade ou homoparentalidade.

<sup>11</sup> A Rua Augusta em sua porção central por muito tempo foi conhecida pela presença de prostituição de mulheres em casas noturnas e nas ruas, o que a caracterizou desde a década de 1970 até meados dos anos 2000 como lugar marginal e perigoso de São Paulo. A abertura da casa noturna Vegas, em 2005, é um dos marcos das mudanças no oferecimento de bares, restaurantes e casas noturnas mais sofisticadas e que trouxeram para a região frequentadores com perfil sócio-econômico maior. O Vegas, já fechado, abriu as portas onde antes era uma casa de prostituição, processo que seguiu a demolições desses espaços e construção de novos edifícios residenciais.

<sup>12</sup> Durante a assunção da identidade “gay” da Rua Frei Caneca e o processo de mudança de perfil na Rua Augusta a violência direcionada a pessoas LGBTs ficou mais evidente e passou a circular em mídias de grande circulação. Isso, em parte, está relacionado à maior expressão que as denúncias por redes sociais ganharam no Brasil, mas também ao fato da região ter se tornado ponto de referência da presença LGBT, o que torna crimes de ódio mais frequentes.

poder aquisitivo a esse sujeito homossexual genérico. Avatar Brah, neste caso, ajuda a pensar como a alteridade é construída em contexto: os sujeitos “gays” idealizados e produzidos na região da Augusta entre interlocutores e propagandas de novas edificações a valorizam, bem como nos empreendimentos imobiliários mais recentes na República; no entanto, a menção à homossexualidade masculina desta última região, República, pelo termo “bicha”, a desvaloriza em narrativas diversas. Aqui, processos de gentrificação espacial então intrinsecamente ligados a processos de valorização da homossexualidade pela via de uma masculinidade normatizada. A rua, e a cidade, para serem valorizadas, precisam estar declinadas no masculino.

A seguir, trato das falas de dois interlocutores de pesquisa que ajudam a pensar sobre que rua/espaco/cidade “gay” emerge do processo até agora contextualizado.

## **DOIS PONTOS EQUIDISTANTES? ADRIANO E ELIEL**

Em 2013 conversei mais detidamente com frequentadores dos espaços de lazer da região Augusta, em especial com a aglomeração formada num bar de esquina na Rua Frei Caneca. A intenção era compreender a dinâmica de ocupação dos espaços da rua e como quem a ocupava para se divertir entendia a ideia de estar numa “rua gay”. De forma complementar, conversei com moradores da região, alguns empresários e acompanhei a expansão do mercado imobiliário atento a como essas diferentes dimensões de análise se complementavam na compreensão do que fosse a homossexualidade do logradouro. Em grande medida, o que está estampado nos diferentes discursos é uma ideia sedimentada de (homo)sexualidade legitimada pela performance de gênero de quem fala em contraposição a de quem se fala: o interlocutor detém o conhecimento empírico necessário para se definir e definir outrem. Os interlocutores construíam um “eu” e um “outro” no qual este sempre estava desqualificado por suas expressões supostamente mais femininas. É importante atentar que a auto-atribuição de uma identidade “gay”, neste caso, necessariamente incluía se definir masculino e, portanto, desejável. E, assim, aquele que fala está no centro, enquanto de quem se fala está numa periferia de desejo e interesse sócio-sexual.

Essa produção de diferenças inclui outros marcadores acionados junto à performance de gênero, como classe, raça e lugar de origem na cidade. Além disso, a contraposição a tipos e lugares indesejáveis ficou mais clara na conversa com pessoas como Adriano, por exemplo. Alto, branco, olhos e cabelos claros, de porte atlético, auto-definido como gay, Adriano tem 26 anos e se formou em Jornalismo numa universidade privada. Atualmente se dedica ao teatro, atuando como ator e produtor, mas realiza pequenos trabalhos como modelo fotográfico, os quais podem ser vistos em sua página pessoal no Facebook<sup>13</sup>. Adriano me foi apresentado por um amigo que conhecia meus interesses de pesquisa e sabia da frequência deste interlocutor na Rua Frei Caneca, frequência essa que já se encerrou atualmente. Mora com os pais, ambos médicos, no Paraíso, região sudeste da cidade.

Escolhi trechos dessa conversa com Adriano por ela representar grande parte dos discursos sobre a “rua gay” e a região, contrapondo-a à região República, ainda que pouco tenha estado nesta última. É importante apontar também que essa contraposição é espacial e focada nos sujeitos indesejáveis que estão há alguns metros de Adriano, ou seja, teoricamente

<sup>13</sup> Rede social na internet cujo mote é divulgar conteúdos pessoais como opiniões, fotos e desejos e interagir com amigos e outras pessoas.

estaríamos todos na mesma região, mas a partir da narrativa de Adriano o outro indesejado e afeminado está alocado na República.

Para a conversa eu havia sugerido irmos ao shopping ou a um bar de esquina que fica bastante cheio nas noites e aos finais de semana, o “bar d’A Lôca”<sup>14</sup>. No entanto, como melhor lugar para conversarmos Adriano o bar Frey Café & Coisinhas<sup>15</sup>, bastante próximo ao Shopping Frei Caneca, por ser “mais arrumado”: “o Bar d’A Lôca também é gay, mas é muito ‘cagado’<sup>16</sup>”.

Adriano relaciona o poder aquisitivo a uma maior tolerância, informação e “cultura”. Segundo ele, na região e no shopping era clara a circulação de pessoas com menor poder aquisitivo e, portanto, menos informação e formação:

*“Pessoas de menor poder aquisitivo são mais ignorantes, têm mais preconceito, são muito tadinhas, cagadinhas”<sup>17</sup>. Mas ainda assim acho que há pessoas de menor poder aquisitivo com a mente mais aberta no Frei Caneca. Mas na minha opinião a pessoa ter mais grana, ser de família, faz com que seja mais de boa com o fato de ser gay, de ela mesma ser gay. Na verdade o shopping se tornou um ‘antro gay’, mas isso é bom, porque as pessoas podem se cumprimentar com beijos, trocar afeto sem maiores problemas. No começo achei um shopping normal, depois que fui percebendo em dois lances de paquera. Um deles foi no banheiro do shopping. Eu estava no mictório e o cara do lado começou a mostrar o pau duro, tentar pegar em mim, cáí fora e me toquei que rolava bastante disso lá. [risos] Não venho aqui para passear. Porque, assim, tudo está atrelado ao dinheiro, ao poder aquisitivo. Quanto menor a classe social, mais bicha pco, bicha poc-poc<sup>18</sup>, menos educação e cultura. Porque há gays afetados e gays homens, mas estes são difíceis de reconhecer que são gays”.*

*Eu: “E como você definiria a Rua Frei Caneca, onde ela fica na cidade?”*

*Adriano: “A rua fica no Centro, na velha Augusta, na baixa Augusta, teoricamente mais pobre. A Augusta tem ar de Centro, tem mendigo, puta, dá medo de ser assaltado mais lá para baixo. Já a Frei Caneca é gay, então se você desce a rua não fica com tanto medo porque gay não é violento, você se sente em casa. A rua é tranquila mesmo estando cheia. A Frei Caneca é acolhedora, você se sente à vontade. Mesmo os funcionários do comércio daqui têm a cabeça mais aberta de tanto ver gay e a rua se tornou uma forma do gay ter seu espaço, toda cidade tem um espaço gay, o de São Paulo, o mais famoso, é aqui, a Frei Caneca. No Centro tinha uma rua gay antes da Frei Caneca, não lembro o nome, mas a rua gay agora é aqui, porque no Centro isso é minoria, o gay é muito marginalizado e a Frei Caneca é a melhor opção”.*

<sup>14</sup> O “bar d’A Lôca” é um bar simples que ganhou esse nome por estar próximo à casa noturna “A Lôca”, de grande frequência gay em alguns dias da semana. Seu nome oficial é “To-Zé”, mas quase nenhum de seus frequentadores o chama assim. A maior parte das pessoas que consomem nesse bar fica em pé na calçada, mesmo com espaço interno para assentá-las.

<sup>15</sup> O bar “Frey Café & Coisinhas” oferece um cardápio mais “sofisticado” e caro, tem preocupação com decoração dos espaços e a presença de Djs.

<sup>16</sup> “Cagado” é um termo ênico depreciativo. Foi utilizado por Adriano como meio de diferenciação em termos de classe, apontando para a falta de higiene de quem é assim definido no plano simbólico, ou seja, alguém cheio de merda.

<sup>17</sup> Corruptela para “coitadinhas”, pessoas que seriam tão pobres que dariam pena em quem as observa.

<sup>18</sup> Tanto “ploc-ploc” quanto “poc-poc” são adjetivos que acentuam a afeminação de uma bicha, fazendo referência ao som de saltos altos. “PCO” é uma abreviação de “pão com ovo”, expressão que referencia pobreza e esse tipo de comida como única opção de alimentação.



No excertos destacados das falas de Adriano a Rua Frei Caneca que surge é identificada, positivamente, com alguns lugares, como o Frey, escolhido por ele para a conversa, mas negativamente em relação a outros espaços, como o “bar d’A Lôca”. É Centro, Augusta, e tem em si uma circulação de pessoas de menor poder aquisitivo, mais “ignorantes”, “tadinhas”. Mas, ainda assim, há algo de positivo nessa ocupação menos desejável. No entanto, Adriano diz que não deseja morar lá, prefere bairros mais tradicionais da cidade, como o Paraíso e o Jardim Europa<sup>19</sup>.

Importante atentar para os termos que Adriano utiliza ao se referir a essas pessoas de menor poder aquisitivo, sempre no feminino. São expressões que juntas ajudam a pensar acerca de classe e raça, já que Adriano relaciona tais sujeitos “bichas” (e não gays) à suposta pobreza material, de formação e aponta exemplos dentre pessoas mais negras em relação à sua cor. A rua é gay, ele é gay e o lugar em que ele está é gay, mas os “outros” não. A “sua rua” é masculina.

Alguns meses depois convidei Adriano para ir a uma casa noturna na região República e ele aceitou. Eu o esperava num bar nas imediações e, apesar de ele poder se deslocar até a região de metrô preferiu ir de carro. Ao chegar ao bar fez questão que eu entrasse no carro para procurarmos algum estacionamento mesmo estando a duzentos metros da casa noturna. No caminho teceu comentários sobre as pessoas que circulavam pela região, enfatizando o perigo e a sujeira da rua e das pessoas, algo que parecia lhe saltar aos olhos.

Ideia semelhante me apresentou Fernando, mais categórico inclusive na definição de Centro como localidade da Frei Caneca e, portanto, de pessoas indesejadas. Conheci Fernando por indicação de colegas, por ele ir frequentemente à Frei Caneca, principalmente ao Bar d’A Lôca e à própria A Lôca. Com 24 anos de idade, auto-identificado como gay, descendente nipônico, Fernando residia na Penha, bairro da Zona Leste, e trabalhava na Avenida Paulista. Por sua sugestão fomos até o Shopping Center<sup>20</sup>, que para ele trata-se do mesmo espaço sobre o qual eu queria conversar, a região da Frei Caneca. Perguntei-lhe o que era a Frei Caneca:

*“Para mim se resume ao shopping. Bar d’A Lôca só se for para encontrar os amigos, não gosto de lá. Prefiro o bar Barão da Itararé, é mais tranquilo, dá para ir com o namorado, tem um público diferenciado. No bar d’A Lôca tem muita ploc-ploc, acho desnecessária essa bichice<sup>21</sup> toda.”*

Fernando diz que o shopping tem um histórico gay e até pessoas do interior do estado conheceriam essa fama, mesmo sem nunca terem ido ao local: “lá tem muito *gayzinho*, mas é um lugar mais aberto. No shopping sempre encontro amigos, mas não vou passear lá. Lá é meio despudorado, você vai no banheiro e vê um pessoal no mictório”.

Disse ter ido apenas duas vezes N’A Lôca:

*“N’A Lôca é cheio de calopsitas<sup>22</sup>, gente com o cabelo colorido. Mas eu curto mesmo é ir na The Week<sup>23</sup> quando tem a festa Gambiarra. Há diferença entre o público de um lugar e*

<sup>19</sup> Bairros localizados na zona sul da cidade e cuja característica é a presença de moradores de maior poder aquisitivo.

<sup>20</sup> O Center 3 é um shopping localizado na Avenida Paulista no quarteirão entre as ruas Augusta e Frei Caneca.

<sup>21</sup> Expressão depreciativa que enfatiza a afeminação e exagero gestual dos sujeitos assim definidos.

<sup>22</sup> Fernando se refere ao pássaro branco de penugem amarelada no topo da cabeça, comparando-o a pessoas que teriam cabelos descoloridos ou tingidos de cores chamativas, frequentadoras d’A Lôca.

<sup>23</sup> Uma grande casa noturna que se define como gay localizada no bairro da Lapa, Zona Oeste, e conhecida pela presença de frequentadores de maior poder aquisitivo. França (2012) tem uma interessante análise comparativa entre diferentes festas e casas noturnas de São Paulo que inclui um detalhamento sobre a The Week. (*Consumindo*

*de outro, na The Week a classe econômica é maior, se percebe pela conversa, também se percebe a formação da pessoa. Na verdade de balada gay na Frei só conheço A Lôca. Tem o Bofetada, mas é bar, o clima lá é legal, descontraído, o público é diferente d'A Lôca, menos exagerado. E bar gay mesmo, para mim, só tem o bar d'A Lôca”.*

### E a Frei Caneca difere muito da Augusta?

*“Muito! A Frei Caneca é gay, tem mais opções de baladas e coisas mais bonitas, a rua é mais bonita. A Augusta é mais submundo, mais dark, de construção antiga. Lá circula um pessoal mais... indie, rock, over, exagerado. Mas o pessoal das duas ruas circula entre elas. Mas é impossível não saber que a Frei Caneca é gay, isso está em guias turísticos. Aqui é a região gay de São Paulo. Aqui é Zona Sul, a Paulista é Zona Sul, mas a Frei Caneca é mais Centro. Eu moro na Penha, aqui é muito mais elitizado que lá, e eu viveria de boa aqui, até porque no meu bairro eu só moro, não faço nada por lá, saio mais por aqui. Além daqui há gays também no Centro-República, lá tem uma concentração de gay sujo, se você conversar muito tempo pode até pegar uma doença, Aids, por exemplo. Lá as pessoas se vestem de maneira mais chamativa, mais colorida, são menos instruídas, tem gente muito magra, tipo com cara de doente mesmo. Na República também está cheio de travestis e garotos de programa, coisa que não se vê aqui na Paulista”.*

Eliel fala de outro ponto de vista e ajuda a compreender melhor os trânsitos na cidade, as duas regiões destacadas aqui e as expressões de discriminação e masculinidade acionadas por Adriano e Fernando. Eliel tem estatura mediana, pele que seria classificada como parda ou indígena, olhos escuros e rasgados e reside com os pais no Jardim Miriam, região sul periférica na cidade de São Paulo. De 27 anos, Eliel trabalha como representante comercial de uma empresa de alimentos e se define como “jovem da periferia” ou “jovem LGBT da periferia”. Com relação à sua sexualidade Eliel se define como “gay”, mas essa palavra não é tão acionada como forma de se apresentar. Ele prefere utilizar a forma de se apresentar pessoalmente como meio de reforçar seus locais de “origem”: uma região distante do centro e a militância LGBT. Eliel é bastante articulado com as políticas municipais que envolvam pessoas LGBTs e isso influi em suas falas, mas seus trânsitos ajudam a compreender como a cidade se caracteriza em termos de sexualidade legitimada.

Quase todos os domingos Eliel está com o namorado e um grupo de amigos no Largo do Arouche, por eles chamado de “Vieira” em referência a uma avenida próxima ao local. O Arouche está próximo à Praça da República e faz parte da região República, sendo um dos lugares de maior frequência numérica de públicos homossexuais, principalmente aos domingos. Num olhar breve se observa uma quantidade significativa de pessoas que poderiam ser classificadas com relação à cor/raça como negras ou pardas, num contraste claro com a presença maciça de pessoas brancas na região Consolação. Parte das vestimentas e dos estilos de cabelo também denota um público mais popular, de menor poder aquisitivo, semelhante ao descrito por Adriano e Fernando. Essa semelhança, apesar de pontual, registra um conhecimento mais generalizado dos tipos de pessoas que frequentam cada região. Mas Eliel e seus amigos se circunscrevem à República?

Há pelo menos outros três lugares que estão dentro de um circuito de preferência no trânsito de Eliel e seus amigos: o Parque do Ibirapuera (zona sul), uma praça no Tatuapé (zona leste)

e a “Augusta” (referência à Rua Peixoto Gomide no trecho em que liga as ruas Augusta e Frei Caneca). É interessante considerar este último lugar, a “Augusta”, como parte das preferências de Eliel na Consolação, principalmente utilizada nas madrugadas de sexta-feira e sábado.

As ruas, dias e períodos de ocupação são pontuais e determinam maior ou menos apreço pelo espaço. A “Augusta” de Eliel não é boa como a “Vieira” e nisso os discursos de Adriano e Fernando se coadunam com o dele:

*“Tem um monte de gente que vai na ‘Augusta’, se droga e fala mal da ‘Vieira’, mas também vai na ‘Vieira’. Um monte que acha que estar na Augusta é ser superior. Lá só tem drogado, ‘A Lôca’ é famosa porque só tem drogas”.*

A ênfase, neste caso, é a discriminação da República pelas pessoas que circulam pela Consolação, inclusive pessoas que estão sempre na República. Os lugares ocupados na Consolação teriam o poder de tornar alguém superior pela simples presença, incluindo aí uma superioridade masculina dentre performances subjetivas e avaliação de outras pessoas como desejavaes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tanto o título como as argumentações deste artigo podem indicar tratar-se de uma explanação localizada, de um contexto muito particular e que não tem necessariamente respaldo com outros universos de definição dos espaços das cidades ou que impossibilitaria a comparação com esses outros universos. Isso em parte é verdade. Mas a forma como brasileiros e aqueles que vivem em São Paulo definem de forma generificada as coisas, limitados pela linguagem, não dão conta da forma como qualquer pessoa generifica o espaço. Isso fica mais claro quando observamos com atenção os escritos de Doreen Massey acerca da generificação do espaço e as formas sempre políticas que esse processo infere. Pensando a partir do inglês, língua na qual coisas possuem gênero neutro, mas que não têm neutralidade na definição gendrada, a geógrafa tece importantes comentários sobre como, de forma geral, o espaço é feminino. Esse ponto aparece mais claramente quando Massey disserta acerca das grandes narrativas que imprimem ao tempo o poder de mudar, alterar, produzir discursos, enquanto ao espaço caberia a imobilidade, a passividade e a aceitação. Não é de hoje que esses dois polos costumam exemplificar o que seria masculino (potente, público e político) em contraposição ao que seria tido como próprio do feminino (impotente, doméstico, apolítico). Também não é de hoje que movimentos feministas diversos contestam a ideia de político como algo próprio do masculino e doméstico como algo afastado do político.

Binnie & Skeggs (2004) também mostram como um espaço da classe trabalhadora, masculina, passa a ser reconhecido como gay para, posteriormente, ser valorizado como espaço seguro para mulheres. Perlongher (2008), antropólogo argentino radicado no Brasil, demonstra como a ocupação das ruas do centro da cidade de São Paulo por homens que se prostituem podem, a princípio, imprimir um espectro masculino a tais espaços; a atuação como michês, no entanto, pode aproximá-los das mulheres que vendem seus corpos e feminizá-los enquanto pessoas que fazem sexo com homens; a mediação do dinheiro, por outro lado, reimprime-lhes a masculinidade na justificativa do sexo por meio monetário, objetivo; os usos sexuais, performances públicas e aparência para conseguir clientes reforçam o espectro do masculino que pode estar em jogo e, atuando como marcas de virilidade e tensores libidinais, se tornam potências masculinas. Esse ponto, em especial, nos interessa

no que tem de manejo de marcadores sociais da diferença que imprimem maior ou menor masculinidade a sujeitos e espaços: a dinâmica social, no caso dos prostitutos descritos por Perlongher, produz espaços como esquinas, trechos de ruas e áreas urbanas que são mais masculinas do que outras. Há ruas declinadas no masculino.

A antropóloga Regina Facchini (2008), Hunza Vargas Salamanca (2010) e Puccinelli (op. Cit.), em diferentes contextos históricos, espaciais e nacionais, mostram processos semelhantes de atribuição de masculinidades a ruas, bairros e cidades que atuam como parte da definição de si e de outrem como sexualmente atraentes, socialmente legítimos ou potencialmente contamináveis. Não à toa a ideia de “doença” surge em algumas falas como algo próprio daqueles sujeitos reconhecidos como homossexuais, mas mais femininos, pobres e com possibilidade de ter “aids”. A doença aqui se sobrepõe ao vírus que lhe causa e ganha uma agência que inexistente à sua transmissão: a possibilidade de ser contraída numa conversa ou apenas na proximidade com esses sujeitos, essas *bichas*. Tal processo tem impacto, inclusive, em como as ações de prevenção em lugares de sociabilidade de homens com condutas homossexuais na cidade de São Paulo são especializadas, com quase total atuação na região República. Mas o que o descrito e analisado até agora teria a ver com o mercado imobiliário na cidade?

Grande parte do investimento em novos edifícios residenciais no centro de São Paulo ocorre na região Augusta, como dito anteriormente, com foco principal nas ruas Augusta, Frei Caneca e Paim, sendo que a segunda rua, a Frei Caneca, foi a primeira a receber tais edificações. Ainda que se possa argumentar pelo menor valor desses logradouros em relação a outros no entorno, é fato que a identificação com o público “gay” ajudou muito a tornar viável a escolha dos terrenos, definição de perfil das unidades e direcionamento de campanhas publicitárias. Por conta do espaço exíguo deste artigo não poderei aprofundar este tópico; no entanto, basta saber que há em todos os folhetos de propaganda referências à região como “cosmopolita”, espaço de vivências e trocas ligadas a outras experiências citadinas internacionais, como Nova Iorque e Londres, por exemplo. A existência de uma frequência “gay” certamente possibilitou a concretização desta região como um espaço internacionalizado.

Por outro lado, na Rua Frei Caneca não é qualquer tipo de “gay” que circula. As falas destacadas anteriormente mostram como o “gay” idealizado na região é majoritariamente branco, de maior poder aquisitivo, o que lhe confere também maior bagagem educacional e cultural, tem gostos sofisticados e, principalmente, é masculino. Entender-se como homossexual masculino, como “gay”, é afastar-se daqueles que são entendidos como afeminados, *bichas*, mesmo estando no mesmo espaço, num raio de poucos metros. Um rapaz entendido como *bicha*, nos termos aqui apresentados, ainda que esteja num bar ao lado daquele que se define como “gay”, será alocado na região República. Não só isso, esse rapaz da região República não estará no centro de interesses de quem se define como “gay”, portanto na região Augusta. Interesses esses que incluem, em alguma medida, viver no centro da cidade, ainda que as falas destacadas não versem sobre isso. No entanto, as propagandas dos novos edifícios enfatizam as vantagens e sofisticação de morar nesse centro e suas rápidas vendas evidenciam que há respaldo nesse discurso. As *bichas*, homossexuais afeminados e tidos como mais pobres, negros e potencialmente doentes, não estão no centro, são periferizados.

Interessante notar como muitos marcadores da diferença são acionados e competem na definição generificada de um espaço da cidade. Anne McClintock (2010), antropóloga zimbabuana, ao tratar dos diários de Massa no século XIX e sua obsessão sobre as mulheres trabalhadoras em Londres, mostra como essas mulheres, moradoras da periferia da cidade,

são bestializadas, masculinizadas e aproximadas às ideias racistas que viam a África como lugar de selvagens. Tais mulheres, na análise de McClintock, estão mais próximas da África do que de Londres. Em nossa análise a rua mais feminina também é mais negativa e o que valoriza o logradouro, em níveis de sentido diversos, é ela ser declinada no masculino. Dessa forma, centro e periferia, masculino e feminino se coadunam e formam sujeitos e espaços sexualmente desejáveis que resvalam para outros sentidos de interesse. No geral, essa dinâmica corresponde a uma atribuição de centralidade a si mesmo, operando com uma auto-valorização que aloca desejo e masculinidades hegemônicas. Nas narrativas destacadas não há menção a si que aloque os sujeitos enquanto *bichas* ou valorize a região da República, por exemplo. O caso de Eliel altera um pouco esse espectro: tida como espaço de realização de seus contatos afetivos, políticos e recreativos, a República surge menos desvalorizada e outra diferença em relação à Augusta entra em operação. No entanto, mesmo a República e ruas adjacentes não são isentas de desvalorização por sua suposta afeminação. Rua, quando declinada no feminino, declina.

## BIBLIOGRAFIA

- Agier, Michel (2011): *Antropologia da cidade: Lugares, situações e movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome.
- Binnie, Jon & Skeggs, Beverley (2004): "Cosmopolitan Knowledge and the Production and Consumption of sexualized space: Manchester's gay Village", in *The Sociological Review*, v. 52, n. 1, pp. 39-61.
- Brah, Avtar (2006): "Diferença, diversidade, diferenciação", in *Cadernos Pagu*, v. 26, pp. 329-376.
- Butler, Judith (2003): *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- DaMatta, Roberto (1997): *A Casa & A Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Facchini, Regina (2008): "Entre Umas e Outras: Mulheres, (Homo)sexualidades e diferenças an cidade de São Paulo". Tese (Doutorado em Antropologia Social). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- França, Isadora Lins (2006): "Cercas e Pontes: Movimento GLBT e mercado GLS na cidade de São Paulo". Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Hall, Stuart *et al.* (1996): *Modernity: An Introduction to Modern Societies*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Massey, Doreen (2008): *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- McClintock, Anne (2010): *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora Unicamp.
- Perlongher, Nestor (2008): *O Negócio do Michê: a Prostituição Viril*. São Paulo: Perseu Abramo.

Puccinelli, Bruno (2013): "Se essa rua fosse minha: apropriação do espaço e sexualidade na 'rua gay' de São Paulo". Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Rocha, Ane Talita da Silva (2013): "Construindo Desejos e Diferenças: uma Etnografia da Cena Indie Rock Paulistana". Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Rose, Gillian (1993): *Feminism and Geography: The Limits of Geographical Knowledge*. Cambridge: Polity Press.

Salamanca, Hunzahua Vargas (2010): "Hay que venir al sur: Cuerpo y Consumo en la Rumba Gay de la Avenida Primero de Mayo en Bogotá". Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas.

Vega, Alexandre Paulino (2008). "Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo". Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.